

Uma carta do nosso colaborador Fernando Lopes Graça

Lisboa, 12 de Outubro de 1954

Meu caro Mário Braga

Redacção da Revista *Vértice* — Coimbra

O número de Agosto-Setembro de *Vértice* insere *Cinco notas sobre forma e conteúdo* subscritas por António Vale, a primeira das quais se serve, como matéria de argumentação, de alguns passos de um escrito meu sobre a música. Permita-me que, sobre o caso, eu faça nas páginas da Revista duas ou três observações.

Mais do que entrar num absurdo jogo polémico, que não sei a quem nem a quem serve, eu desejaria prevenir o leitor de boa vontade contra um processo já velho, mas, nem por ser velho, mais sério e mais respeitável, qual seja o da amputação dos textos, afim de os obrigar a dizer aquilo que eles nunca quizeram significar, ou só o pretenderam numa certa e determinada medida. Com efeito, o autor das *Notas* limita-se a utilizar e a serzir mal umas frases soltas desse meu escrito, isolando-as do contexto, de tudo — e muito é — que as completa, esclarece, amplia e aprofunda, num verdadeiro *puzzle* em que o meu pensamento é, não interpretado, mas sim arbitrariamente deformado.

Nestas condições, eu julgo que o mais eficiente e mais honesto será remeter o leitor para o texto original (o que o articulista se absteve de fazer) e ele, leitor, se tem os olhos limpos de cataratas e a cabeça desimpedida de teias de aranha, que leia e pense por si. Esse texto encontra-se no meu livrinho *Introdução à música moderna* (Biblioteca Cosmos, 2.^a ed., Lisboa, 1946), de que constitui o capítulo V, intitulado *Conteúdo da música moderna*. Como complemento das ideias neste expostas será conveniente ler-se o capítulo seguinte: *A música moderna e a sua função social*. Parece-me não haver dúvidas de que a minha posição na questão é inteiramente diferente daquela que me é atribuída nas *Notas*, num propósito de esquematização e de «castração» cujo fim se me afigura ultrapassar o puro arbítrio, a pura liberdade de «interpretação».

Tal posição acha-se ainda expressa, certamente com as dificuldades, os

melindres e cautelas que o problema implica, mas creio que nunca de uma forma equívoca, num bom número de artigos e ensaios dispersos por várias publicações; e é ainda ao leitor de boa vontade que me dirijo para que, no caso de que queira por si próprio formar juízo documentado sobre a matéria, tenha o incómodo de consultar, por exemplo, os seguintes escritos, que de uma maneira mais ou menos directa com essa matéria lidam:

A música e o homem (in *Reflexões sobre a música*, Seara Nova, 1941).

Fernando Lopes Graça fala-nos dos actuais problemas da música (in *Vértice*, n.º 8, Junho de 1946).

O valor da tradição nas culturas musicais nacionais (in *Vértice*, n.º 65, Janeiro de 1949).

Sistemas musicais e realidade humana (in *O Comércio do Porto*, Suplemento «Cultura e Arte», 25 de Dezembro de 1951).

Conversa com Fernando Lopes Graça (entrevista no *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, transcrita em *Gazeta Musical*, n.º 19, Abril de 1952).

A propósito da Harmonia Simétrica (in *Gazeta Musical*, n.º 39 - 40, Janeiro de 1954).

O testamento musical de Prokofieff (in *O Comércio do Porto*, Suplemento «Cultura e Arte», 23 de Fevereiro de 1954).

Agradecendo-lhe, meu caro Mário Braga, o espaço roubado ao *Vértice* e reafirmando-lhe o firme propósito de não embarcar na nau da polémica que tem por arrais não sei que insidioso espírito da discórdia e da negação, creia-me muito cordialmente seu

Fernando Lopes Graça